

GEORG SIMMEL E A SOCIOLOGIAS DAS FORMAS SOCIAIS

Maria da Guia de Oliveira

Mestranda em Sociologia pelo PPGS/UFPB/UFCG. Bolsista Capes.
Rua João Suassuna, 1628, 1º Andar, Bairro Monte Santo. Campina Grande, Paraíba.
CEP: 58101-551. E-mail: guialiva@bol.com.br

Benedita Edina da S. L. Cabral

Orientadora. DSA/UFCG.
Rua: Artur Monteiro Viana, 26, B. Conjunto dos Professores, Campina Grande, Paraíba. CEP:
58109-140. Tel.: (83) 333-2740. E-mail: jbscabral@uol.com.br

Resumo: Este trabalho busca mostrar como a epistemologia em Simmel serve para orientar a Sociologia das formas e dos conteúdos. O tipo de epistemologia desenvolvido por ele é aquele que busca explicar a maneira como as representações sociais, inclusive aquelas que se elaboram a partir do dinheiro, são construídas através das vias de associações e dissociações que marcam os diferentes contextos históricos.

Palavras-chave: Formas sociais – epistemologia simmeliana.

Área do Conhecimento: VII – Ciências Humanas

Introdução

Considerado um dos primeiros teóricos da psicologia social, Georg Simmel¹ tentou explicar os fatos sociais e históricos através dos fatores psíquicos. Para ele, os fenômenos sociais supõem trocas entre os indivíduos, que compartilham ou disputam entre si sentimentos de ódio, de amor e de inveja. Enfim, esses elementos psíquicos existem em todas as relações humanas.

Por ser um estudioso que se preocupava com os mínimos detalhes do ser e agir social a partir de aspectos psicológicos dos indivíduos, Simmel foi considerado o “Freud da Sociologia”. De acordo com esse autor, a sociedade se forma e se dissolve através dos conflitos. Porém, ele não esperava ser aclamado como o herói da cultura.

Em suas obras sobre a *Diferença social*, *A filosofia do dinheiro* e *a Sociologia*, Simmel fundamentou as Ciências Sociais de uma nova forma, “traçou as suas fronteiras, estabeleceu os seus métodos, formou os seus

conceitos e (...) executou brilhantemente a sua fundamentação psicológica” (Moscovici, 1990: 243). Seu objetivo principal era compreender de que maneira as coisas se passam fora das consciências e do poder dos indivíduos.

Simmel enfatiza em suas produções um relativismo dos diversos aspectos da cultura. Isso é facilmente perceptível pela diversidade de temas que oscilam entre a sociologia e a psicologia social. “Simmel estudou sociedades secretas, analisou obras de arte, escrutinou os meandros do mundo do dinheiro, e dedicou muito da sua reflexão ao espírito” (Maldonado, 1996: 06). No entanto, o autor supracitado não mantinha uma postura acadêmica ao elaborar suas obras, visto que ele não se dá o trabalho de concluir suas produções, deixa sempre ao leitor, o esmero de fazê-lo. Essa postura deve valer-se pelo fato de Simmel ver a sociologia como uma ciência entre outras.

Conforme Simmel, seria um disparate reunir assuntos que já foram tratados pela Economia Política, Filosofia e outras quaisquer disciplinas, numa mistura a qual se denominaria Sociologia. Principalmente porque teríamos aqui um novo nome e não um conhecimento novo. Contudo, seria um critério falho atribuir à Sociologia o estudo de tudo o que é produzido pela vida humana, já que isto também seria objeto de outra

¹ É um dos mais importantes sociólogos alemães. Nasceu na capital alemã, em 1858, estudou história e filosofia na Universidade de Berlim. Escreveu seis livros e vários artigos que se tornaram clássicos da sociologia. Na academia – e fora dela - Simmel conviveu com Max Weber, amigo que o influenciou e apoiou ao reconhecer sua produção acadêmica.

ciência. Portanto, para possuir um sentido definido, a Sociologia deve buscar seus problemas não na matéria da vida social, mas em sua forma. Para Simmel, é a forma que dá o caráter social dos fatos de que se ocupam as ciências particulares.

Dessa maneira, caberia à Sociologia o estudo das formas de vida social. Seria do seu domínio as formas que tornam os grupos de homens unidos para viverem uns ao lado, para, ou com os outros. Com base nisso, Simmel propõe investigar as formas específicas pelas quais as sociedades como tais, se conservam. Para ele, “a sociedade é possível de ser pensada apenas como um conceito-limite, como resultado das formas de sociação, ou da rede de relações sociais recíprocas” (Oelze & Freire, 1999: 17).

A utilização da Psicologia na sociologia simmeliana serve como apoio para a compreensão da sociedade, ou seja, a ação recíproca. Portanto, sua proposta teórica baseia-se nos fatos de consciência. “Na história, insiste ele, temos de lidar com fatos de consciência, idéias, motivações pessoais e ações morais ou religiosas que imprimem um determinado curso aos acontecimentos” (Moscovici, 1990: 243). Nesse sentido, afasta-se completamente do materialismo histórico.

Sociologia simmeliana: o estudo das formas sociais

Interpretando o pensamento de Simmel, Moscovici descreve a visão simmeliana de sociologia como sendo “(...) uma ciência que descreve os fatos produzidos pela sociedade e não apenas no quadro da sociedade”. São as interações, os conflitos e as associações que transformam uma coleção de indivíduos em uma massa, em um movimento ou em uma organização de um gênero particular. De resto, as idéias e as crenças que os acompanham estão na origem da ação que cada um persegue na história (Moscovici, 1990: 244).

De acordo com Simmel, a cultura específica de cada indivíduo em relação ao “outro” é quem determina o número e a variedade das redes sociais. Sendo assim, ele defende que é a partir dessas redes sociais que se dá as associações e dissociações; que é através dela que os indivíduos tornam-se

mais autônomos diante de suas posições, posturas e modo de *ser* e *agir* num determinado grupo social. Simmel trabalha com dois conceitos de cultura: a cultura objetiva e a cultura subjetiva. Para ele, a cultura é a síntese do pólo objetivo e subjetivo, ela “nasce (...) quando se encontram dois elementos, nenhum dos quais por si só a contém: a alma subjetiva e um produto espiritual objetivo” (Neldemann, 1991).

Contudo, Simmel faz uma advertência quanto à densidade dessas redes sociais, a primeira diz respeito às redes pesadas e densas, que podem ser a Igreja, a Indústria e o Estado; a segunda consiste em redes leves, que se dão de maneira informal, descontraída, Como exemplo, temos os frequentadores de um café, bar, cinema, teatro e leitores de um jornal. Para Simmel, essas redes promovem possibilidades de agir dos indivíduos, produzindo mudanças no modo de associações e dissociações.

Para Simmel, a cultura é um cultivo por “supor um processo de *feed-back* entre o nível individual e o nível cultural, processo que parte do indivíduo e a ele volta, depois de ter passado pelo sistema de “cultura objetiva”. Dessa forma, o homem tem a “capacidade de complementar o que é da própria personalidade, assimilando e interiorizando as influências que estão fora da sua esfera pessoal. Os objetos culturais constituem um meio de desenvolver e aperfeiçoar a própria individualidade” (Neldemann, 1991).

O desenvolvimento da cultura moderna se caracteriza pela ultrapassagem do espírito subjetivo pelo que se pode chamar de espírito objetivo, isto é, uma soma do espírito é encarnado em objetos e em conhecimentos. Isto é resultado da divisão social do trabalho. Há a atrofia da cultura individual pela hipertrofia da cultura objetiva.

Distinção entre forma e conteúdo

No que tange à distinção entre “forma” e “conteúdo”, pode-se entender o seguinte: em primeiro lugar, é preciso compreender que o conceito de “forma” exerce papel central no quadro teórico dos conceitos sociológicos em Simmel. A “forma” refere-se aquilo que é geral à estrutura. Ou seja, é a “forma” que constitui o cenário das inter-relações da vida social, tais como o de moda, o de pobre, o de rico, o de

estrangeiro, o de família e o de dominação. Segundo o autor, o conceito de “forma”, enquanto conceito sociológico universal que constitui uma pluralidade de enunciações filosóficas, não pode ser analisado unitariamente, por ser insuficiente para falar de tudo e sobre todas as coisas da organização social. Dessa insuficiência conceitual das “formas” em poder explicar todas as coisas, é que surge a necessidade de interação das “formas” com os “conteúdos” na relação ação-estrutura. Em segundo lugar, é preciso entender que, os “conteúdos”² estão voltados para a categoria sociológica e unidades diferenciais dentro do modelo de formas, eles correspondem à estrutura³ organizada a partir dos mínimos detalhes da vida cotidiana. O “conteúdo” constitui as especificidades da organização social, as idéias, os sentimentos e os sistemas de valores.

A distinção sociológica entre “formas” e “conteúdos” depende do enfoque que é atribuído a partir do ângulo no qual o investigador se posiciona para analisar as associações e inter-relações. Os aspectos generalizados constituem as “formas” enquanto os não generalizados se constituem nos “conteúdos” efetivos, considerando tanto a cultura material e não material. Simmel, enquanto representante de um pluralismo metodológico, entende que a realidade social só pode ser enxergada, em sua categoria abstrata, caso haja junção desses dois conceitos abstratos, capazes de modelar multivariadamente as petrificações da organização social.

Entende-se que o modelo de sociologia desenvolvido por Simmel não inclui somente a psicologia, mas também as outras ciências que se avizinham. O referido autor defende que, sem essa junção entre ciências afins, fica difícil classificar e explicar as diferentes “formas” de associações e dissociações que envolvem os indivíduos na sociedade. O verdadeiro átomo da vida social é a ação mental, recíproca entre os homens. Nesse sentido, a sociedade surge como um conjunto

de redes de interação, através das quais os indivíduos entram em contato, comunicam-se e organizam-se; assim, são elas que promovem os encontros, as constelações de opiniões e os interesses comuns. São as correntes de reciprocidade que unem os indivíduos entre si.

Da proposta de junção entre ciências feita por Simmel é que surge a possibilidade do cientista ampliar o entendimento do cenário que envolve os fatos existentes na vida social, organizados nas suas diferentes configurações. A sociologia das “formas” se baseia num elo de ligação e aderência, entre ciências a partir do momento em que a inclusão da Psicologia e outras ciências não representam um obstáculo ao seu conhecimento multiforme, mas um caminho através do qual é possível aproximar-se do mesmo, no esforço para explicar a complexidade social.

Essa junção também permite ao cientista social distinguir, caracterizar, estabelecer e compreender como se processam as relações e os “conteúdos” que ocorrem sob as diversas formas de associação e dissociação. Em meio a esse processo integrativo, o autor afirma que a função do sociólogo é a de escavar e garimpar os processos particulares que acontecem na esfera da sociedade, tentando mostrar aquilo que está oculto, não dito na rede de relações sociais.

. Relevância da epistemologia simmeliana para as Ciências Sociais

O ponto fundamental da epistemologia em Simmel é a compreensão de que o processo de formação dos conceitos não acontece a partir de uma via estritamente seqüencial, mas através de um caminho multi-variado que permite ao cientista social desvendar e explicar os fatos em suas formas empíricas abstratas. Para o autor, a sociedade é uma mera representação na mente do observador e não um absoluto dentro da realidade. Ainda, segundo o autor, a formação dos conceitos representa o resultado final de um processo que pode ser chamado, com bastante propriedade, de troca de aquisição.

De acordo com Simmel, a sociedade está em toda parte onde os homens se encontram em reciprocidade de ação e

² Eles referem-se aos mínimos detalhes da vida, que para o autor devem ser levados em conta, tais como, os incidentes quotidianos e as transações mais fluídas da vida.

³ Os aspectos generalizados desse fenômeno significam que os indivíduos efetuam e podem efetuar ação -para com e contra os outros - no processo interacional.

constituem uma unidade permanente ou passageira. Em cada uma dessas uniões produz-se um fenômeno que caracteriza a vida individual. E a todo o momento forças perturbadoras apoiam-se ao agrupamento com o intuito de dissolvê-lo transferindo seus elementos para agrupamentos estranhos. Contudo, a essas causas de destruição iriam opor-se **forças conservadoras** que mantêm unidos todos os elementos, assegurando sua coesão e garantindo a unidade do todo.

Assim, Simmel compreende a sociedade como uma unidade *sui generis*, distinta de seus elementos individuais. Conseqüentemente, a forma como a sociedade tenta se conservar é diferente da forma de conservação dos indivíduos, ela pode permanecer intacta enquanto a vida do grupo enfraquece.

Consoante Simmel, todos esses fatos contribuíram para que se admitisse a sociedade como um ser de realidade “autônoma”, que obedecendo à leis próprias, levaria uma vida independente daquela de seus membros. Desse modo, a sociedade se colocaria diante dos indivíduos em particular como algo que os domina e que não depende das mesmas condições que a vida individual.

Segundo o autor, os vínculos que se estabelecem entre os homens são tão complexos que devemos tratá-los como realidades auto-suficientes. E somente por procedimento de método - ou em termos heurísticos -, é que falaríamos do Estado, do direito, da moda, etc., enquanto seres indivisos. Somente assim, se resolveria o conflito entre a **concepção individualista** e a **concepção monista** da sociedade. A primeira corresponde à realidade, a última à condição restrita de nossas faculdades de análise; ou em outras palavras, uma seria a expressão da situação atual enquanto a outra seria um ideal do conhecimento.

O termo individualidade é definido por Simmel por duas vertentes da relação do ser. Em primeiro lugar, trata-se de uma relação com o mundo, pequeno ou grande, que pode se dá através de ações ou idéias, de região ou de assimilação, de dominação ou de servidão, de indiferenciação ou interesse apaixonado. Em segundo lugar, pode significar que este ser é um mundo por si mesmo, centrado sobre si, é uma certa maneira auto-suficiente e fechada em si. Em

função desta dualidade, a individualidade aspira a ser uma unidade, ela tem um ser, um sentido ou um fim que repousa sobre si mesmo; mas, ao mesmo tempo, ela é parte de uma/ou de múltiplas totalidades, ela guarda uma relação com alguma coisa de exterior a ela, com uma totalidade que a ultrapassa.

Dessa forma, a individualidade é membro e corpo, parte e todo, ela é perfeita e tem necessidade de algo que a complete; é a forma sob a qual esta dupla significação da existência humana tem a capacidade ou o desejo de se juntar à unidade. Para Simmel, a determinação indefinível da vida humana que nós chamamos individualidade significa que um ser vive juntamente dois em um: a concentração interior, o fato de ter um mundo para si, o ser e a relação positiva ou negativa, a tendência a se identificar ou se afastar, em relação a um todo ao qual o ser pertence.

A individualidade é essencialmente a existência independente. Ela busca ser diferente, se destacar com relação ao próximo. Ao fazer filosofia do cotidiano e por seu interesse diversificado Simmel é considerado o grande filósofo da modernidade. Para esse autor, o traço dominante dos cidadãos da grande metrópole seria a intelectualidade e a individualização. A despersonalização das relações humanas suscitaria no indivíduo o culto à originalidade, a excentricidade, numa forma de defender a individualidade.

Contudo, de acordo com Simmel, o sociólogo deve procurar atingir os processamentos particulares - denominados formas sociais - que produzem realmente as coisas sociais. O grupo social estaria sempre demonstrando uma energia vital a uma força de resistência que parecem provir de uma fonte única, que é a resultante de fenômenos particulares e diversificados da natureza social. Portanto, são esses fenômenos que devem ser pesquisados.

Dessa maneira, a compreensão simmeliana do pólo epistemológico da sociologia das formas, no processo de formação do conhecimento acerca da vida social, destaca sua rejeição da formação de conceitos dentro da estrutura situacional e a proposta de formação dos mesmos a partir da ótica do autor. Ele deve ter um olhar penetrante que não se materialize objetivamente, mas que proponha uma série de possibilidades alternativas no campo da

descoberta, livrando-se por total da visão epidérmica e superficial da vida social.

.As formas sociais: compreensão da vida social a partir do formalismo simmeliano

O método proposto por Simmel consiste em abstrair forma de sociação dos estados concretos, dos interesses, dos sentimentos que constituem seu conteúdo. Mesmo que a reciprocidade de ação, a união, a oposição entre os homens apareça sempre como a forma de algum conteúdo concreto, somente isolando essa forma mediante a abstração é que se poderá constituir uma ciência da sociedade, no estrito sentido da palavra.

Dessa forma, o conceito de forma em Simmel deve sempre ser associado a conteúdo; eles não se separam. O autor considera uma certa ingenuidade querer utilizar a concepção kantiana para dizer que a forma refere-se ao contorno e que conteúdo refere-se à substância dos fenômenos. Para Simmel, esses elementos seriam separáveis apenas analiticamente.

Baseado numa sociologia das formas⁴, Simmel constitui a partir da utilização de um modelo diferente do utilizado nas ciências naturais um novo método que propõe uma junção entre os fatos da consciência/interações sociais à psicologia, os fatos da vida real à sociologia, cuja característica principal é a de não dirigir um tratado único e nem impor regras. Contudo é a partir dessa perspectiva multivariada que se constitui a sociologia de Simmel.

A sociologia das formas embora tenha sido basicamente influenciada pela geometria e pela lógica, se afasta por completo do modelo naturalista, a exemplo da sociologia durkheimiana; segundo a qual, os fatos sociais têm uma regularidade e devem ser estudados igualmente aos da natureza por qualquer cientista que queira explicá-los, enquanto responsáveis pelo funcionamento da vida social, de maneira científica e livre de julgamento e de valores.

Com isso, a sociologia das formas é aquela que atribui significados diferentes à constituição dos fatos a partir da utilização de

expedientes de análise sociológica e investigação científica que se diferenciam das visões sensíveis sobre o mundo, avaliando as possibilidades de entendimento uma após a outra, pelo processo de inclusão/exclusão das associações e dissociações que representam um número infinito de ações recíprocas.

O *status* de independência que Simmel atribui à sua sociologia emerge basicamente do rompimento com a sociologia positivista/naturalista, que, segundo ele, tenta firmar-se através da orientação de conceitos concretos, ordinários, invariáveis e mecânicos sobre o social, a exemplo de Comte, Spencer e Durkheim, ao afirmarem que a sociologia possui semelhança com o organismo humano, fazendo com que ela seja orientada mediante o princípio de uma harmonia estática⁵.

Traduzindo o pensamento de Simmel, Moscovici (1994) mostra que o formalismo é um termo complexo por dois motivos: primeiro, por representar o resultado do desenvolvimento histórico específico da sociologia; segundo, pelo fato do mesmo ter dado origem à utilização de uma variedade enorme de concepções no campo da sociologia, que abrangem a História, a Filosofia e a Psicologia como ciências auxiliares.

Dessa maneira, Simmel utilizou-se do método e não propriamente da história enquanto ciência para explicar os fenômenos da vida cultural que envolvem a relação unidade/estrutura. A referida tarefa foi realizada com o objetivo de provar que a constituição das formas sociais, enquanto entidades empíricas, são abstrações e seleções que caracterizam um determinado tipo de interação social. Sendo assim, só se torna possível isolar o elemento “forma” a partir do momento em que nos debruçamos sobre a análise e/ou estudo de manifestações históricas do tipo real, observando a variedade de conteúdos comuns, econômicos e sócio-políticos.

A recorrência da sociologia formalista à história representa o caminho mediante o qual se é capaz de construir a representação abstrata do processo social, ao invés de

⁴ Sociologia das formas que constitui um modelo integrativo e que atribui ao cientista a tarefa de observar os fatos, os conflitos e as interações.

⁵ “Simmel classifica de superficial o ponto de vista mecanicista do atomismo, segundo o qual a sociedade é um aglomerado de indivíduos, porque tal modo de ver esquece o significado de sociação na vida humana como realização específica da própria vida” (Sousa, 1978: 109).

querer oferecer um tratado de causalidade social para a unidade-estrutura que se constituem a partir de rupturas, de associações, de inter-relações e dissociações.

Para Simmel, na relação da sociologia com a história, temos de lidar com uma série de fatos, tais como os fatos da consciência, as idéias, as motivações pessoais e as ações morais que contribuem para a formação do curso dos acontecimentos históricos e constituidores da vida dos homens em sociedade. Ele entende que no processo que leva ao acontecimento da vida social, nada se exclui.

Sendo assim, o sociólogo enquanto garimpador não deve centrar-se apenas em observar aquilo que chama muita atenção, a exemplo do estável, deve fazer o contrário, verificar o instável, aquilo que não se encontra dentro do leque comum de observações do cientista social. Mediante esses procedimentos metodológicos de verificação competente é que ele precisa explicá-los diferencialmente com autonomia própria, terá como tarefa científica - no processo que envolve a produção do conhecimento-, falar a respeito daquilo que os outros cientistas sociais não falam, porque não dispõem dos instrumentos necessários para fazê-lo.

Dessa forma, a missão do sociólogo consiste em buscar cotidianamente, meios de descobrir as invariantes, aquilo que persiste ou situa-se entre dois extremos do destino moral. Uma outra tarefa do sociólogo é a de fazer uma triagem e uma garimpagem dos fatos sociais que ele considera mais importante para poder tornar possível explicar o mundo de maneira competente.

Para Simmel, quando o sociólogo trabalha com a perspectiva de isolar fatos da vida social dentro de categorias normativas, automaticamente ele discorre da possibilidade de desvendar os problemas inexplicáveis existentes nos mesmos. Na proposta de passagem da esfera da economia para a das representações histórico-sociais se manifesta a sociologia inclusiva de Simmel, aquela em que está presente a História, a Psicologia, a Economia e as outras ciências afins que constituem um exemplo prático da aplicação do método simmeliano.

Em relação às representações do dinheiro feitas pelos indivíduos, Simmel afirma que elas são construídas pelos vários mecanismos sócio-culturais que fazem com que o sentido do indivíduo se volte exclusivamente para responder apenas às chamadas que são acionadas diretamente pelo dinheiro, fazendo com que a sua capacidade reflexiva seja crescentemente inoperante.

Sendo assim, Simmel reconhece que o dinheiro assume cada vez mais uma forma que passa do sensível para o abstrato, ou seja, nós o pensamos enquanto um objeto capaz de satisfazer às nossas necessidades mediante o equivalente a “milagres” que seu uso pode realizar - quando o utilizamos, enquanto uma coisa capaz de estabelecer uma série de regras, que uma vez anunciadas, se fazem respeitadas.

É em meio às representações que os indivíduos fazem do dinheiro, que se torna possível verificar como ele é um instrumento classificador das relações sociais que impõe e estabelece valores através dos poderes simbólico material, construídos historicamente.

Em cada contexto histórico, uma sociedade se representa e se resume na forma que atribui à matéria monetária e na maneira pela qual a mesma faz preencher as funções do conjunto social, representado pelos diversos indivíduos.

Diante disso, pode-se compreender que a epistemologia simmeliana dá subsídios teórico-metodológicos para que a sociedade seja entendida a partir de duas dimensões: uma que compreende as ações recíprocas, criadas na interação dos indivíduos que, cotidianamente, fazem e refazem o agir, o ser e o estar frente ao “outro”; a outra consiste nas representações compartilhadas, que condiciona os indivíduos a vivenciar o real de forma comum.

Portanto, a sociedade para Simmel se faz nas interações dos indivíduos, que ao se relacionarem fazem a concretude das suas atitudes, elaborando assim, o seu mundo. Nesse sentido, a sociedade deve ser estudada a partir do seu “fluxo e refluxo das formas sociais, a inquietante mobilidade da história” (Moscovici, 1990: 261).

. Considerações finais

De acordo com Simmel, (...) *o homem não se ordena à realidade natural do mundo como o animal, antes ele se arranca dela e se contrapõe a ela, exigindo, violentando e sendo violentado com este primeiro dualismo inicia-se o processo infundável entre o sujeito e o objeto* (Simmel, 1998:79). Dessa maneira, Simmel via a sociedade através de formas sociais- os vários círculos sociais em que estão inseridos os homens-, em processo de conflito, sociação e individuação. (Maldonado, 1996: 06).

Com isso, depois de ter entrado em contato com a proposta epistemológica de Simmel, considero praticamente impossível elaborar uma única conclusão sobre sua proposta de explicação da maneira como as relações sociais se processam.

Ao meu ver, um dos seus grandes atributos é o de fazer uma explicação não diretiva sobre os fatos sócio-históricos que envolvem os indivíduos em suas diferentes manifestações individuais e coletivas.

Nesse sentido, as considerações finais podem ser assim sintetizadas: em primeiro lugar, a de que não existe ciência verdadeira com tratados universais capazes de falar sobre todas as coisas, principalmente no campo das ciências sociais; em segundo lugar, a de entender como a sociologia, enquanto ciência inclusiva e especulativa que deseja consolidar-se tem um rótulo integrativo e multivariado que nos dá a possibilidade de observar como os fatos sociais são produzidos historicamente a partir da busca de procedimentos de uma ciência mais antiga, que instaura canais de comunicação e estabelece para si os estatutos e as regras que contribuem para alargar o nosso entendimento frente ao mundo que nos cerca.

Bibliografia

- ALMINO, J. **“O segredo e a informação”**. Editora Brasiliense, 1983.
- GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.
- MALDONADO, S. C. “Georg Simmel: uma apresentação”. In: **Revista política e trabalho**. João Pessoa, n. 12. Setembro de 1996.
- MOSCOVICI, S. **A máquina de fazer deuses: sociologia e psicologia**. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

NEDELMANN, B. “Dualismo entre cultura objetiva e subjetiva”. In: **The problemi della cultura: individualizzazione, esasperazione e paralis**. Dordrecht, Boston-london, Kluwer. Academic publishers.

SOUZA, J. **Simmel e a modernidade**. Brasília: UNB, 1999.

SIMMEL, G. **La tragédia de la culture**. Rivages Poche: Paris, 1988.

_____. A sociologia do segredo e das sociedades secretas. In: **The American journal of sociology**. Vol IX, n. 04, 1906.

VELHO, O. “A metrópole e a vida mental”. In: **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.